



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Mitos e verdades

Enquanto o mundo explode, folheio o volume 5 da coleção *Histórias de Brasília* — *Mitos e verdades*, escrito em parceria pelo publicitário João Carlos Amorim e pelo poeta Nicolas Behr. Animados pelo espírito bem-humorado da obra, os dois se autoapresentam de maneira inventiva e divertida nas orelhas do livro. A leitura do livro magro, mas denso de informações, é saborosa.

Vamos a alguns aperitivos. As relações entre Renato Russo e o projeto Cabeças, comandado por Néio Lucio, realizado na

comercial da 311 Sul, e, em um segundo momento, na Rampa Acústica do Parque da Cidade, são tensas. Tudo começou com uma ocupação dos gramados por atividades culturais. Em algumas entrevistas, Renato reclamou que nunca foi convidado para cantar no evento.

De qualquer maneira, existe a versão de que Renato Russo tocou no Cabeças. É mito, esclarecem os autores de *Histórias de Brasília*. “Não, Renato Russo nunca tocou nos Concertos Cabeças. Mas os outros dois Renatos da cena musical da época, o Vasconcelos, autor de *Suíte Brasília*, e o Matos, de *Um telefone é muito pouco*, sim. O Russo não tocou no Cabeças, mas tocou nossas cabeças”.

E, vamos a uma sobre a Rainha Elisabeth II, que, em 1968, passou por Brasília, acompanhada do príncipe Phillip. É verdade que ela se assustou com as

cigarras? Na passagem pela cidade, o casal conheceu a Catedral Metropolitana, o Palácio da Alvorada e o Congresso Nacional. Mas não visitou apenas os monumentos mais famosos. Esteve, também, no Jardim de Infância da 308 Sul, onde os dois apreciaram um espetáculo infantil.

Segundo os autores do livro, de repente, a rainha ficou incomodada com um intenso e contundente barulho: “Que máquinas são essas? Alguém poderia desligá-las?”, interrogou a rainha: “O som, na verdade, vinha das cigarras que já anunciavam a chuva daquele ano”, esclarecem os autores. Sim, é verdade, a rainha ouviu o som heavy metal das cigarras brasilienses.

E, para fechar, escolhi a história dos fantasmas ou supostos fantasmas que rodam o Teatro Nacional Claudio Santoro, a pirâmide de Niemeyer, com relevos

de Athos Bulcão e jardins de Burlle Marx. Ela está abandonada há muito tempo e se tornou um ambiente propício à visita de seres do outro mundo.

Enquanto as excelências alegam que não existe dinheiro para as urgentes reformas, parlamentares bancam o Museu da Bíblia ou o absurdo projeto Brasília Iluminada, fogo fátuo que durou um mês, se evaporou e consumiu alguns milhões de reais ou de surreais. Na verdade, a cidade está cada vez mais escura.

Mas vamos aos fantasmas do Teatro Nacional. Reza a lenda que por aquelas paragens os elevadores funcionam sozinhos. E uma bailarina vestida de branco adeja pelos corredores. Há, também, os que juram ter visto o espectro do maestro Claudio Santoro circulando pelas passagens subterrâneas da pirâmide de Niemeyer. O abandono estimula a

imaginação. Corre a versão de que um piano toca sozinho durante a madrugada. Certa noite cinco guardas noturnos se armaram de coragem e resolveram encarar o sobrenatural que ronda aquele espaço. Suspense de matar o Hitchcock.

E o que encontraram? Um gato flava, elegantemente, sobre as teclas do piano. “E o fantasma da reforma do teatro?”, indagam os autores. E respondem: “Esse não assusta mais ninguém”. Como se vê esse é um livro leve, divertido e instrutivo. Brasília vai muito além do que acontece no circuito do poder da Esplanada dos Ministérios.

Não se trata fake news, notícia falsa para induzir a escolhas fraudulentas. O que está em jogo é a trama de fabulação que constitui a alma de uma cidade, mas sempre sob um crivo que dissolve o mito com a mirada crítica do humor.



» Entrevista / ARTHUR TRINDADE, EX-SECRETÁRIO DE SEGURANÇA DO DF

Sociólogo e professor da UnB destaca a importância da atuação dos serviços de inteligência para evitar novos ataques

"Houve negligência e omissão"

» JOSÉ CARLOS VIEIRA

Os ataques de terroristas aos Três Poderes da República ocorreram não por “vacilo” das forças de segurança do Distrito Federal, mas por negligência e omissão dolosa, destaca ao Correio o sociólogo professor da Universidade de Brasília (UnB) e ex-secretário de Segurança do DF Arthur Trindade. Para ele, a simples remoção de acampamentos bolsonaristas da frente dos quartéis do Exército não vai reduzir o clima de tensão amplificado desde a derrota nas urnas de Jair Bolsonaro. “Os serviços de inteligência serão muito importantes no combate a esses grupos terroristas. Resta saber se eles estão preparados para essa tarefa”, ressaltou o ex-secretário durante o governo de Rodrigo Rollemberg (PSB).

Qual a avaliação do senhor sobre os atos terroristas praticados por bolsonaristas no último dia 8? Há indícios de sabotagem, de uma ação premeditada da cúpula das forças de segurança recém-empossada? Ou foi apenas um “vacilo” de planejamento?

É difícil acreditar que tenha sido um “vacilo” de planejamento. O policiamento de protestos na Esplanada dos Ministérios é rotina da Secretaria de Segurança Pública, que faz isso há décadas. Normalmente o policiamento é bem feito. Foi o que aconteceu nas manifestações do 7 de setembro de 2022, quando as forças de segurança pública atuaram muito bem, impedindo a entrada de caminhoneiros na Esplanada dos Ministérios. O mesmo pode ser dito quanto à cerimônia de posse. A mudança no planejamento adotado pela Secretaria de Segurança Pública (SSP) foi muito estranha. Pois, tanto a secretaria quanto as polícias haviam sido informadas pelas agências de inteligência sobre a disposição dos manifestantes de invadir o Congresso, o Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal (STF). Houve

negligência e omissão dolosa na minha opinião. Todas as autoridades responsáveis deveriam ter alertado sobre os riscos envolvidos.

A Polícia Militar do DF é exemplo no país, além de ser bem remunerada com o aporte do Fundo Constitucional. Como o senhor avalia a situação da corporação nos próximos meses?

No plano nacional, o episódio manchou a imagem da PMDF. O dano está feito e levará tempo para ser revertido. É uma pena, pois a Polícia Militar vivia um dos seus melhores momentos. Graças aos trabalhos da PMDF e da Polícia Civil, as taxas de criminalidade vêm diminuindo desde 2014. Ao mesmo tempo, as pesquisas mostravam que as taxas de confiança e satisfação dos cidadãos vinham crescendo. É uma situação inusitada: descrédito no âmbito nacional e confiança no nível local. Acho que o comandante e demais liderança policiais deveriam se concentrar agora na manutenção da confiança dos brasilienses. Para

Arthur Menescal/Esp. CB/D.A Press



Polícia impede tragédia

O empresário bolsonarista George Washington De Oliveira Sousa tentou explodir uma bomba na área do Aeroporto de Brasília, na véspera do Natal. Ele ele veio do Pará logo após a derrota de Jair Bolsonaro Pará para participar dos atos em frente ao Quartel General do Exército. Para o atentado, ele usaria explosivos oriundos de garimpos e pedreiras no Pará. Em depoimento na 01ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), ele admitiu a motivação política do crime. No apartamento alugado no Sudoeste onde vivia, a Polícia Civil apreendeu um fuzil, duas espingardas, revólveres, mais de mil munições e artefatos explosivos.

isso, eles deveriam evitar novos desgastes como insubordinações, operações tartarugas e greves. Em um segundo momento, poderiam tomar iniciativas para mostrar ao restante do país, especialmente às demais polícias, a competência e correção do trabalho dos policiais militares do Distrito Federal.

O envolvimento de militares da ativa na política não seria um erro?

A carreira dos militares, tanto das Forças Armadas (FFAA) quanto das polícias militares, carrega ônus e bônus. A legislação proíbe os militares da ativa de se manifestarem politicamente. É um ônus, afinal de contas, os outros cidadãos são livres para fazer isso. Em contrapartida, dada sua natureza especial, os militares têm regime previdenciário diferenciado. É um privilégio que a maior parte da população não possui. Os policiais militares deveriam ter clareza sobre essa situação.

Há possibilidade de atos terroristas num futuro próximo na Esplanada? O que pode

ouvido pelos policiais que “não pretendia usar contra as forças de segurança e nem com pessoas inocentes”.

Vândalos

No último domingo, por volta das 15h, um grupo de terroristas invadiu as sedes dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, depois de romperem as barreiras de proteção colocadas pelas forças de segurança do Distrito Federal. O que se viu a partir de então foi um rastro de destruição nos prédios públicos, onde nem obras de artes, artigos raros e valiosos que estavam nesses locais escaparam da ação dos vândalos. No dia, mais de 400 pessoas foram presas já durante o ocorrido, muitas dessas na Praça dos Três Poderes. Muitos



Não é fácil acabar com o medo. A melhoria dos serviços públicos, especialmente de transporte, a diminuição das taxas criminais, o aumento da confiança nas polícias e o fortalecimento da legitimidade dos tribunais ajuda muito a diminuir o medo

do crime é o combustível da política do ódio. Normalmente os líderes autocratas são muito hábeis em manipular o discurso do medo. Ao mesmo tempo que amplificam o medo, eles apontam soluções simples, bem como elegem os culpados como os imigrantes, negros, indígenas, ativistas políticos, movimentos sociais, etc. Tem acontecido assim em vários países. Não é fácil acabar com o medo. A melhoria dos serviços públicos, especialmente de transporte, a diminuição das taxas criminais, o aumento da confiança nas polícias e o fortalecimento da legitimidade dos tribunais ajudam muito a diminuir o medo.

O que o senhor acha de se criar uma gestão federal de segurança na Esplanada dos Ministérios? Ou seja, efetivos policiais, serviços de inteligência, proteção ao patrimônio tudo nas mãos de um gestor ou grupo de gestores ligados diretamente aos Três Poderes da República...

Não sei se isso seria melhor do que a forma como o policiamento de protestos é feito hoje. Ninguém garante que essa força federal não seja cooptada e instrumentalizada pelo presidente ou outras lideranças do Congresso. Não há atalhos nem fórmula mágica. É preciso despoliticizar as polícias, tornando-as mais profissionais, criando normas de conduta claras e reforçando a atuação dos órgãos de controle como as corregedorias, ouvidorias e Ministério Público.



Sim, eu carregava armas comigo. Não pretendia usar contra as forças de segurança e nem com pessoas inocentes

Gabriel Lucas Lott Pereira, suspeito de terrorismo detido no domingo

outros foram presos ao retornarem ao QG do Exército, no Setor Militar Urbano. Na região, cercada por quartéis e residências militares, os golpistas estavam acampados há mais de 60 dias e foram levados ao ginásio da Academia

da Polícia Federal. No dia seguinte as prisões seguiram acontecendo, contabilizando até o momento 1.398 detidos.

Após a identificação e a coleta de provas, os participantes diretos do quebra-quebra foram transferidos ao Centro de Detenção Provisória da Papuda e a também para a penitenciária feminina, a Colmeia. Nos dois presídios, aguardam a audiência de custódia, para saberem por quais crimes irão responder. A maioria deverá ser enquadrada pelos crimes de terrorismo, associação criminosa, atentado contra o Estado Democrático de Direito, golpe de estado e perseguição, além de incitação ao crime, conforme divulgou a Polícia Federal.

***Estagiária sob a supervisão de Euclides Bitelo**

DEPOIMENTOS

Bolsonaristas usavam armas brancas e pedras

» RAISSA CARVALHO*

A Polícia Federal (PF) encerrou, ontem, a tomada de depoimentos dos vândalos envolvidos nos ataques de domingo aos prédios dos Três Poderes. Em um desses depoimentos, é possível saber como os golpistas se prepararam para enfrentar as forças de segurança no dia oito. Eles contam que usariam armas brancas caso fossem atacados por pessoas da “esquerda”. Os terroristas admitiram o porte de objetos como estacas pontiagudas,

dois estilingues, bolas de gude, pedras, luvas e até mesmo máscaras de proteção. Um dos detidos dentro do Congresso Nacional, André Luiz Vilela, da cidade de Juscimeira, Mato Grosso, admitiu em depoimento à polícia que levou um cassetete feito de galho de árvore, atiradeira com bolas de gude e máscara antigás feita de garrafa pet. Segundo o criminoso, ele carregava esses objetos, apenas para usar em caso de ataque de “esquerdistas”. Outro preso que também admitiu que estaria com armas brancas foi Gabriel Lucas Lott Pereira, que disse ao ser